OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semestre — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca).....	15$000	7$500	-$-	-$-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 100

1 DE OUTUBRO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

É correspondente d'esta empreza no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — As nossas gravuras — Gonçalves Pereira, ZACHARIAS D'AÇA — Estabelecimentos scientificos de Portugal, Secção geologica, R. — Congressos Anthropologico e Litterario, Trabalhos dos Congressos, R. — O Ganês, BARDEZANO — Sapatos de Defunto, LEITE BASTOS Publicações.

GRAVURAS. — José Maria de Sousa Monteiro — Visconde de Bastos — Bellas-Artes, Inimigo á vista, quadro de Gonçalves Pereira — Antonio Joaquim Gonçalves Pereira — Estabelecimentos scientificos de Portugal, Galeria da secção geologica — India portugueza, O Ganês — Hymno de Ganês em maratha — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ás horas em que estas linhas vão correr mundo veste o sr. Kuon, a sua casaca preta e ergue a sua batuta polida para marcar os primeiros compassos do inverno lisboeta.

Vamos entrar portanto em plena estação theatral, acabou-se a fome terrivel de assumpto que emmagrecia estas chronicas durante os longos e estereis mezes de verão, e agora se algum perigo corremos é o perigo da indigestão, sobretudo desde o momento em que muitos *dilletantes* affirmam que a epocha lyrica será alguma coisa indigesta.

Nós pômos de quarentena estas más noticias. Dizem que os nomes dos cantores da companhia, á excepção de um ou dois, são completamente desconhecidos ou conhecidos demais, o que não é mais tranquilisador, entretanto quem nos diz que debaixo d'esses nomes ignorados não estão artistas de primeira ordem, celebridades europeas, que cheios da grande nostalgia da obscuridade serena dos humildes, fartos do ruido que acompanha sempre os seus nomes apregoados pela fama, tomaram uns pseudonymos quaesquer para se furtarem ás recepções enthusiasticas, e vem incognitos para S. Carlos, como muitos soberanos passeiam incognitos nas suas viagens por este mundo de Christo?

Póde muito bem ser isso, póde ser que detraz d'esses nomes a que os *dilletantes* fazem cara surjam a Nelson, a Patti, a Albany, o Gayarre, o Faure, uma chusma de celebridades universaes, que querem passar o inverno mysteriosamente em Lisboa, livres das perguntas dos *reporters* e das propostas dos empresarios!

JOSÉ MARIA DE SOUSA MONTEIRO — Fallecido em 16 de Setembro de 1881

(Segundo uma photographia de Bastos)

VISCONDE DE BASTOS — Fallecido em 2 de Setembro de 1881

(Segundo uma photographia de Nestor F. Borralho)

E póde ser ainda mais, e vão-se preparando para isso, póde ser que essas celebridades queiram levar o incognito até cantar mal para ninguem dar por ellas!

Olhem que são capazes d'isso. Ora vamos a ver. .

— Se não nos lançasse no mundo theatral a entrada da época lyrica, lançar-nos hia fatalmente hoje n'esse mundo, a sahida d'elle d'uma das maiores artistas que tem pisado o palco portuguez: a actriz Delphina.

Diz-se que os actores e as actrizes vivem muito mais que toda a outra gente, vivem milhares de vidas na scena; é verdade, mas em compensação, morrem tambem mais que o resto dos mortaes.

Delphina, por exemplo, morreu duas vezes. A primeira, ha um anno, quando sahiu do theatro, a outra agora, ha oito dias, quando entrou no tumulo.

E a segunda d'estas mortes, não é nada, no fim de contas comparada com a primeira, com essa morte, debaixo de flôres, diante d'um publico que se despede.

A vida então acabou-se: o silencio faz-se gelido em torno d'essas alegres rainhas de hontem, os jornaes que d'antes davam conta minuciosa dos seus menores passos, calam-se discretamente, para só tornarem a fallar d'ellas n'um dia terrivel, — no dia em que se adormece no grande somno; os seus camarins pequeninos, cheios de luz, onde se passou a melhor parte da sua vida, continuam abertos, illuminados, mas já lá está dentro outra pessoa; os seus papeis mais queridos, aquelles que ellas alimentaram com a parcella mais importante da sua vida — o talento, — ha já outrem que os vive na scena; tudo passou, tudo, e o seu nome glorioso que hontem andava sempre na secção dos theatros em todos os jornaes do paiz, só mais uma vez apparecerá n'esses jornaes, mas n'outra secção — na da necrologia.

Reparo agora, que estava fazendo um bello exordio para um sermão de cinzas: só me faltou escrever latim... *Memento homo*...

Pobre Delphina! Ella que era tão alegre, ella que nos fazia rir tanto com o seu talento excepcional, mal sabia, que nos havia um dia entristecer e fazer chorar algumas lagrimas. Pobre avósinha, como lhe chamavam todos no theatro. Tu que amavas tanto a arte, tu que a engrandeceste tanto com o teu talento, houve comtudo, um dia, em que lhe vibraste um golpe profundo, em que pela primeira e unica vez foste muito prejudicial á scena portugueza — o dia em que morreste.

Como tu e nós desejariamos, que não lhe tivesses causado esse irreparavel prejuizo!

— Dias depois dos actores portuguezes terem ido ao cemiterio acompanhar ali, doloridos e saudosos, uma das suas mais illustres collegas, fam ali tambem os militares, acompanhar á ultima morada, um dos seus mais distinctos collegas, e que mais illustrou o exercito portuguez com o seu talento notavel e o seu vasto saber, o sr. coronel Salgado, commandante de lanceiros.

O sr. Salgado era uma das mais brilhantes e notaveis capacidades do nosso exercito: applicou toda a sua vida, a sua privilegiada intelligencia e as suas poderosas faculdades de trabalhador aos estudos militares, e a sua morte, muito sentida pelos seus collegas, é ao mesmo tempo uma grande perda para o exercito e para o paiz.

— Para compensar a grande porção de assumptos alegres, que nos offerecem esta semana os theatros de Lisboa, a necrologia veiu fornecer-nos uma nota triste com uma extensa lista de mortes illustres, e até o presidente Garfield, dos Estados-Unidos, que ha tanto tempo estava a morrer todos os dias nos telegrammas, e todos os dias a achar-se completamente restabelecido, acabou por fim por morrer de vez, desenlaçando tragicamente aquelle drama da *gare* de New-York, que já ía descambando em farça visto cá de longe, atravéz da agencia Havas.

— Recommendamos á leitura attenta dos paes e das mães de familia uma noticia publicada ha dias no *Jornal da Noite* ácerca dos bailes infantis no Passeio Publico. Conta-se n'essa noticia que um dos *meninos* extremamente infantes que é par constante n'essas festas, puchára d'uma navalha de ponta e mola para um dos redactores d'aquella folha. Achamos delicioso! E como os artigos dos jornaes não conseguiram chamar a attenção do sr. governador civil e dos chefes de familia para aquellas moralisadoras diversões justinianas, parece que os valsistas infantis estão dispostos a chamar essa attenção com facadas.

Talvez o meio seja mais efficaz; mas achamol-o demasiadamente energico.

— Na nossa ultima chronica noticiámos a chegada a Lisboa do notavel archeologo francez o sr. Cartailhac. O illustre sabio partiu para Beja onde vae visitar as propriedades do sr. duque de Palmella, que são requissimas em dolmens, para o que levou uma amplissima ordem do sr. duque para lhe serem franqueadas todas as suas fazendas, propondo-se em seguida a visitar toda a região do sul, a região dos dolmens.

Hoje temos a noticiar a chegada a Lisboa, d'outra celebridade da sciencia moderna, a chegada do sr. Hübner, o grande epygraphista allemão, que esteve em Guimarães, visitando a Citania, e que veio a Lisboa para copiar epigraphes do museu archeologico do Algarve.

E' extraordinaria uma coisa: a maior parte dos Lisboetas ignoram a existencia em Lisboa d'um Museu do Algarve e da Allemanha vem sabios a este *cantinho* da Peninsula unicamente para visitar esse museu.

Porque será?

— E agora achamo-nos seriamente embaraçados diante de tres peças novas e de um unico quarto de papel em branco.

As tres peças são o *Assomoir* traduzido pelo actor José Carlos dos Santos com o titulo de *A Taberna*, o *Jonathan*, traduzido pelo sr. Salvador Marques com o titulo de *O Noivo da America* e a *Mascotte* traduzida pelo sr. Eduardo Garrido com o mesmo titulo, a *Mascotte*.

O *Assommoir* é uma peça tirada d'um romance realista — decerto o melhor de Zola — por um author dramatico habil, o sr. Busnach.

Passando do livro para o palco, e por outras mãos, os caracteres perderam, alguns, muito do seu merecimento como photographias da humanidade.

O drama é tragico e o final lugubre, mas obteve um grande successo, primeiro porque tem traços de grande verdade e de grande talento, segundo por que é representado muito bem; foi um salto gigante dado pela companhia do theatro da Rua dos Condes, salto a que não é alheio Santos com o seu notabilissimo talento, e o seu grande senso artistico.

O *Jonathan* é uma peça que teve successo em Paris, successo que continua em Lisboa. O desempenho é excellente sobresahindo Taborda, Montedonio e Diniz, um actor novo, que veiu do Porto e que tem vocação e habilidade.

A idéa da peça é original e engraçada, e está tratada com finura.

Emquanto á *Mascotte* é um successo explendido, um dos maiores que temos visto na Trindade. Esse *successo* vem-lhe do poema que é engraçadissimo, e que está traduzido com um talento humoristico de primeira ordem, que bastava para fazer a reputação d'um author dramatico se isso não fosse um pleonasmo tratando-se d'Eduardo Garrido; vem-lhe do desempenho que é primoroso, sobresahindo Florinda, deliciosa em todo o papel, e Leoni que chega a ser assombroso de *verve*; e da musica que não sendo uma obra prima, tendo mesmo muitos numeros d'uma *plate* trivialidade, tem outros que são magnificos, sobretudo como effeito theatral.

A *Mascotte* é portanto uma peça magnifica, e tem outra vantagem ainda, que se aprecia muito na nossa terra; proporciona ao indigena occasião de fazer um dito:

— Sim senhor, a *Mascotte* é uma mascotte para a Trindade

Aquelle espectador que depois de ver a opera de Audran não disser este dito, ou pelo menos não o pensar, póde contar com a nossa admiração eterna e respeitosa: é sem duvida alguma — um homem superior!

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOSÉ MARIA DE SOUSA MONTEIRO

A's 5 horas da tarde do dia 16 do mez passado, a apoplexia matou instantaneamente um dos mais poderosos luctadores do jornalismo portuguez o sr. José Maria de Sousa Monteiro.

O sr. Sousa Monteiro foi um dos ultimos e dos mais vigorosos campeadores do ultramontanismo em Portugal, occupando na imprensa portugueza papel identico ao que Veuillot occupa no jornalismo francez, fazendo do *Bem Publico* uma especie de *Univers*, n'timo reducto da reacção em que a idéa nova encontrava sempre, quer em politica quer em religião, um adversario terrivel, intransigente, e infatigavel.

José Maria de Sousa Monteiro era filho de José Luiz de Sousa Monteiro e nasceu no Porto em 25 de março de 1810.

Aos 18 annos, em 1828, saiu de Portugal para o Rio de Janeiro onde seguindo a vida do commercio se dedicava comtudo nas horas vagas ao jornalismo, escrevendo artigos vigorosos, em que se poderia já advinhar o grande polemista futuro, n'um jornal o *Papeleta*, creado para defender os interesses dos portuguezes no Brazil, e que fora buscar o seu titulo ao nome ultrajante que n'um documento official do imperio se deu aos portuguezes.

Em 1833, tendo augmentado n'um *crescendo* assustador a perseguição que os portuguezes soffriam nas terras de Santa Cruz, Sousa Monteiro partiu do Rio de Janeiro para Portugal onde se demorou algum tempo, collaborando em diversos jornaes até partir para Cabo Verde, na intenção de ahi se estabelecer como advogado provisionado.

Em 1811 regressou a Lisboa para em 1814 voltar a Cabo Verde como secretario geral. D'ali a dois annos foi demittido d'esse cargo pelo ministerio Palmella, sendo n'elle reintegrado pelo ministerio seguinte; mas em julho de 1847 o seu estado de saude obrigou-o a voltar de todo ao continente.

Então Sousa Monteiro entrou como amanuense de 1.ª classe na secretaria da Marinha, sendo em 1851 graduado official pelos serviços extraordinarios prestados em varias commissões de que fora encarregado.

Em 1847 Sousa Monteiro — que desde que voltára do Brasil até que partira para Cabo Verde collaborára na *Chronica Constitucional*, *Diabrete*, *Nacional*, *Director Independente*, *Correio Brazileiro* entrara para a redacção do *Lusitano* orgão do partido de Rodrigo da Fonseca Magalhães, deixando essa redacção no anno seguinte em consequencia dos acontecimentos politicos da França de 1848.

Em 1851 tomou a redacção da *Regeneração* que deixou no fim d'esse anno por não se conformar com a doutrina do decreto de 3 de dezembro.

Saindo da *Regeneração* collaborou na *Reforma* e na *Esperança* separando-se por fim da politica dominante quando o *Acto Addicional* passou na camara dos pares.

Depois tomou parte na redacção de varios jornaes, a *Revista Popular*, o *Panorama*, onde publicou em 1855 uns importantes *Estudos sobre a Guiné e Cabo Verde*, *Archivo Popular*, *Epoca*, *Illustração*, e nos jornaes religiosos a *Missão*, o *Domingo*, e o *Bem Publico*, jornal a que os seus artigos violentos, energicos e magistralmente escriptos deram grande nomeada.

Além dos seus trabalhos jornalisticos importantissimos e que são a maior gloria do seu nome, Sousa Monteiro deixou varias obras de vulto como a *Historia de Portugal desde o reinado da Senhora D. Maria I até á Convenção d'Evoramonte*, com um resumo dos acontecimentos mais notaveis que teem tido logar desde então até aos nossos dias (1838) 5 volumes em oitavo e o *Diccionario Geographico das provincias e possessões portuguezas no ultramar*, em que se escrevem as ilhas e pontos continentaes que actualmente possue a corôa portugueza e se dão muitas outras noticias dos habitantes, sua historia, costumes, religião e commercio precedido d'uma introducção geographico-politico-estatistico-historico de Portugal, etc.

Sousa Monteiro foi o luctador vigoroso d'uma idéa a que sacrificou tudo. A sua penna foi uma rude e brilhante arma de combate, e entre os polemistas de Portugal, o seu nome figura ao lado dos mais energicos, violentos e notaveis.

Morreu aos 71 annos legando uma memoria respeitada e um nome honrado e celebre na historia do jornalismo portuguez.

O sr. Sousa Monteiro deixou quatro filhos, o sr. José de Sousa Monteiro segundo official do ministerio dos estrangeiros, e redactor politico do *Jornal da Noite*, o sr. João de Sousa Monteiro, administrador do mesmo jornal, o sr. Rodrigo de Sousa Monteiro consul de Italia em Lisboa, e uma filha, esposa do sr. capitão Ferreira de Castro director e proprietario do *Jornal da Noite*.

O VISCONDE DE BASTOS

Vão rareando as fileiras dos homens de rija tempera que nos campos de batalha souberam oppôr com o seu

peito, um muro á potencia invasora do primeiro capitão d'este seculo.

A terra vae recolhendo em seu seio as reliquias preciosas d'essa pleiade de valentes, que nascidos no ultimo quartel do seculo passado e primeiro d'este, com animo constante e braço vigoroso, soffreram no carcere, gemeram no exilio, ou luctaram no campo, para erguer com seus braços robustos a arvore da liberdade, a cuja sombra todos nos abrigamos hoje.

Francisco de Paula Bastos, foi um d'esses heroes. Filho de Pedro Joaquim de Bastos, fidalgo cavalleiro da Casa Real e de D. Gertrudes Ludovina de S. José e Mello, nascera em Lisboa a 10 de junho de 1793, e ainda não contava dezeseis annos quando a 7 de abril de 1809 se alistava como voluntario no regimento de infanteria n.º 1, sendo reconhecido cadete, a 27 de julho d'esse mesmo anno.

Apenas entrado na carreira das armas achou-se logo no campo do combate. É natural que recebesse o seu baptismo de fogo na batalha do Bussaco, ou talvez antes na acção de Grijó a 11 de maio de 1809, entrando em todos os feitos de armas em que tomou parte o seu regimento e que são as acções de passagem do Douro, tomada do Porto, Alemquer, ponte de Calhariz, Pombal, Redinha, Condeixa.

A 11 de junho de 1811 foi promovido a alferes para o batalhão de Caçadores n.º 10. Continuando na campanha entrou em varios feitos militares, tomando parte nos mais notaveis d'esse periodo, como as batalhas de Victoria, da passagem dos Pyrineos, de Nivelle, em que foi gravemente ferido, podendo depois ainda assistir á de Toulouse, que foi a ultima de todo esse brilhante periodo. Em consequencia d'estes serviços foi-lhe conferida a Cruz da Guerra peninsular, algarismo n.º 3, e a medalha hespanhola da mesma guerra pela batalha de Victoria.

Finda a campanha foi promovido a tenente para o mesmo batalhão, a 15 de dezembro de 1814.

A 14 de novembro de 1819 contrahia o seu enlace matrimonial com D. Thereza de Jesus Mourão, que nascera a 30 de abril de 1778, filha de José Martins Mourão e de D. Antonia Maria de Jesus Menezes.

Breve raiaram os primeiros alvores da aurora liberal, e foi durante do curto periodo d'esse clarão que o seu thalamo viu relentarem os dois renovos, D. Carlota, que falleceu muito nova, e Justiniano Cesar, a 9 de março de 1822.

Tendo manifestado a sua decidida adhesão aos principios liberaes proclamados em 1820, foi em 1823, logo que vingou o movimento reaccionario emprehendido por D. Miguel, desligado do serviço, e posto a meio soldo, até que pelo falecimento de D. João VI e nova proclamação dos principios liberaes em 1826, foi restituido á efectividade do serviço.

Realisada a usurpação do governo do reino pelo infante D. Miguel, regente em nome de seu irmão e de sua sobrinha, em 1828 emigrou para Inglaterra, onde se conservou até 1829, em que partiu para a Terceira onde se conservava hasteado o pendão da rainha.

Apenas ali chegado foi pela junta provisoria nomeado major do segundo batalhão de milicias.

Na ilha Terceira tomou parte em todas as acções que se travaram para defeza d'aquelle baluarte da liberdade, e repulsão das hostes miguelistas.

Organisada a expedição que vinha libertar o continente da pressão reaccionaria, tomou parte n'ella Francisco de Paula Bastos, assim como depois nos principaes actos d'esse grandioso drama, triste pelo sangue derramado, mas grandioso pelos resultados obtidos.

Era coronel de infanteria, quando em 1842 por decreto de 5, e carta de 28 de abril, foi nomeado Governador Geral da provincia de Cabo Verde, e elevado por essa nomeação ao posto de brigadeiro.

Regressado ao reino, foi nomeado para varias commissões de serviço, que exerceu sempre com a probidade, zelo, e desinteresse que tanto o caracterisaram.

Em 1848, sendo commandante da 10.ª divisão militar, recompensára a rainha D. Maria II, os seus serviços anteriores, dando-lhe o titulo de Barão de Bastos, por decreto de 18 de abril de que tirou carta a 21 de maio de 1851.

Em 1858, a 25 de abril, falleceu a Baroneza de Bastos, que tinha sido perto de quarenta annos sua companheira em todas as peripecias da sua agitada vida.

No intuito de deixar a seu filho, que estremecia, uma fortuna cabal, contrahia segundas nupcias a 24 de maio de 1860, com D. Francisca da Rocha de Sampaio, nascida a 12 de maio de 1782, filha de Francisco José Teixeira de Sampaio Guedes do Amaral e de sua segunda mulher D. Eulalia Floriana Gualberta Carvão; senhora opulenta.

Em 1863, foi por S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz elevado a visconde do mesmo titulo, por decreto de 18 de maio.

Foi promovido general de divisão, por decreto de 17 de julho de 1865, sendo-lhe confiado ainda em novembro d'esse anno, o commando da 7.ª divisão militar.

No anno immediato, vendo-se falto das forças necessarias para os cargos militares, pediu, o que nem todos fazem em taes circumstancias, a sua refórma, que lhe foi conferida por decreto de 4 de junho, com sentimento de seus camaradas, que o estimavam.

Em 1868, a 18 de outubro, perdeu sua segunda esposa.

Estava porém o general consolado na sua velhice, considerando que ia deixar feliz o seu unico filho, quando o implacavel destino lh'o arrebatou, a 24 de setembro de 1873, na maior força da vida, quando era major de infantaria n.º 4.

Este desgosto foi profundo para o velho general, que se via sobreviver a todos os que estimava.

Em fim, a 2 de setembro ultimo, fechava-se o curso d'esta honrada existencia, que já na paz, já na guerra, deixa um nome digno de imitação.

Honremos pois a memoria dos troncos robustos que vão cahindo, para que o futuro nos glorifique, ao menos por isso.

O INIMIGO Á VISTA

Quadro de Gonçalves Pereira

A gravura que o OCCIDENTE hoje dá é feita sobre um desenho inédito e posthumo do malogrado artista que a morte ha tres annos roubou á arte portugueza. O quadro é conhecido, esteve n'uma das exposições da Sociedade Promotora de Bellas Artes, e pertence á sr.ª duqueza de Palmella.

O assumpto dispensa explicações, a rôla, empoleirada n'um tronco velho d'uma arvore, no pateo do casal, olha aterrada para o inimigo que a namora lá de baixo formando já o seu pulo terrivel.

Gonçalves Pereira tinha uma predilecção especial por este genero de quadros, e um d'elles que o OCCIDENTE já deu em gravura o *Romeu e Julieta*, tem feito o seu caminho lá fóra, e sido muito apreciado no estrangeiro.

O *Inimigo á vista* é uma idéa graciosa, decerto menos original que a de *Romeu e Julieta*, mas bem tratada, n'um quadro muito bem disposto e que faz sentir bem quanto a arte portugueza perdeu com a morte d'esse delicado artista, de quem ella tinha tanto a esperar.

GONÇALVES PEREIRA

Antonio Joaquim Gonçalves Pereira nasceu em Lisboa a 23 de julho de 1839.

Revelando desde os seus primeiros annos uma decidida vocação para as artes, matriculou-se na Academia de Lisboa, frequentando as aulas de desenho e pintura com distincção, e merecendo pelo seu quadro — *Vista da Tapada*, — a medalha de prata, que lhe foi dada pelo jury academico, no concurso triennal em que o artista o apresentára.

Dotado de um talento flexivel, Gonçalves Pereira cultivou varios generos, mas foi mais assiduo e numeroso o seu pincel na pintura de animaes. *A rôla e o gato*,[1] *e Romeu e Julieta*, em aguarella, e de que deixou tambem um esboceto a oleo, os retratos d'alguns dos mais formosos cavallos do sr. Carlos Relvas como o *Rollito* e o *Chasseur d'Afrique*, o do *British Lyon*, corredor do sr. Ribeiro da Cunha, alguns desenhos publicados em jornaes illustrados, como a *Passagem do vau* (vide OCCIDENTE, vol. 1, pag. 55), o *Romeu e Julieta*, publicado na mesma occasião, que mereceu a honra de ser reproduzido por alguns jornaes estrangeiros, que nos mandaram pedir tres clichés, publicando-o, entre outros, a magnifica revista *Ilustracion española y americana*, de 8 de dezembro de 1878, acompanhando o d'um artigo: eis as obras principaes que nos legou o distincto e malogrado artista da sua curta e attribulada carreira.

Gonçalves Pereira cultivou tambem com exito a esculptura, porque, dotado de espirito observador, surprehendia com rara sagacidade e imitava no barro com extrema felicidade os modelos que escolhia. Vimos d'elle alguns retratos em medalhão admiravelmente modelados e de notavel similhança: poderiam sem desdouro ser assignados por um esculptor de profissão. Entre outros, recordamo-nos dos retratos de mrs. Sarah Arnaud, miss Alice Durand, e do nosso amigo e distincto amador, o sr. Silva Barbosa.

A Sociedade Promotora das Bellas Artes, hoje morta infelizmente para a arte portugueza, concedeu-lhe a medalha de cobre por um excellente quadro que elle enviára a uma das suas exposições.

Foi no *atelier* de Annunciação, que tinha sido seu mestre, e que elle muito estimava, e nos salões da Sociedade Promotora, que travámos relações com o moço artista. Gonçalves Pereira tinha uma physionomia peninsular, extremamente expressiva e animada; o cabello negro e a barba espessa emmolduravam-lhe o rosto, illuminado por uns olhos negros e rasgados, que brilhavam sob uma testa alta e arejada; — a face era magra e ás vezes levemente corada por aquelle tom terrivel, tão conhecido dos medicos, e que nas suas rapidas cambiantes traz, para os que o sabem entender, uma sentença de morte, — de morte lenta e angustiosa, como é a dos phtisicos.

A arte com os seus resultados incertos e mesquinhos, como são entre nós, não podia ser o seu thesouro, o cofre d'onde elle tirasse o sustento da sua familia, e por isso Pereira lançou mão d'outros recursos, por ventura menos gloriosos, mas decerto mais lucrativos: isto explica-nos o pequeno numero das suas composições. O artista concedia á arte sómente as suas horas d'ocio, a maior parte do seu tempo era absorvido pelas lições que elle dava a uma numerosa clientela. Os seus discipulos apreciavam, como ellas o mereciam, as raras qualidades do professor, porque Gonçalves Pereira alliava aos seus conhecimentos technicos uma grande lucidez na exposição e uma grande amenidade no trato: summamente intelligente o seu espirito procurava constantemente illustrar-se em todos os ramos dos conhecimentos humanos, que podiam ser utilisados em proveito da arte.

Entre os seus discipulos contára elle um distincto medico estrangeiro, o sr. dr. Van der Laan, que foi tambem um dos seus mais affectuosos amigos. Quando a doença mortal, que já por vezes ameaçara o nosso artista, o prostrou de vez no leito, um dos primeiros que lhe accudiram, procurando salval-o, foi o notavel medico, que durante este periodo lhe deu as mais significativas provas da sua já antiga amisade. A phtisica, hereditaria na sua familia, onde já tinha feito muitas victimas, apoderara-se d'aquelle corpo fransino e nervoso, que até então só se sustentara graças á valentia do animo, que era de rija tempera, e a 2 de outubro de 1878 Gonçalves Pereira dava o ultimo suspiro e com elle o ultimo adeus á mulher extremosa, que lhe fôra companheira dedicadissima nos dias felizes e nos transes dolorosissimos da sua longa agonia. Se ha consolações para os que vão morrer, é esta uma: verem-se rodeados por uma familia desvelada e por amigos sollicitos, os representantes dos dois sentimentos mais nobres do homem, o amor e a amisade.

Um poeta illustre, Bulhão Pato, disse no seu livro — *Sob os cypreses* — que «dos quinze até aos vinte e cinco annos ir a gente a um cemiterio é um horror».

As occasiões são então raras para essa visita funebre; os nossos amigos são como nós jovens e fortes, e poucos são d'entre elles os que adormeceu na primeira alvorada da vida. Quando algum se sente ferido, ficamos duplamente impressionados pela perda do amigo e pelo inesperado da morte. Depois já não é o mesmo, a funebre ceifeira amiude os golpes, e quando, chegados aos quarenta annos, nos voltamos para traz, alongando os olhos pela estrada da vida, não é a estrada que vemos, é um cemiterio, onde já avultam os nomes queridos!

ZACHARIAS D'AÇA.

[1] É o quadro que hoje publicamos com o titulo *Inimigo á Vista*.

SECÇÃO GEOLOGICA

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

Depois que em 1851 se começou a dar o necessario desenvolvimento aos diversos ramos dos trabalhos publicos, por cuja falta estavamos muitos annos áquem do estado de progresso do resto da Europa, foram se successivamente creando e organisando diversos institutos e estabelecimentos, afim de dar a necessaria iniciativa e impulso aos estudos que se achavam apenas em embrião no paiz.

D'essa necessidade e impulso, nasceu um importantissimo estabelecimento a — *Commissão geologica* — creada por decreto de 31 de dezembro de 1852, e organisada por decreto de 8 de agosto de 1857.

Foi encarregado da presidencia d'essa commissão, o sr. dr. Francisco Antonio Pereira da Costa, lente da 7.ª cadeira (mineralogia) da escola Polytechnica de Lisboa, tendo por adjuntos os srs. Carlos Ribeiro, então capitão d'artilheria, e Nery Delgado, então tenente de engenheiros. Começou logo a commissão uma serie de trabalhos, como se devia esperar da abalisada sciencia do primeiro, e da actividade dos adjuntos, devendo porém notar-se que o sr. Carlos Ribeiro era ao mesmo tempo, muitas vezes empregado nos trabalhos de pesquisas e reconhecimentos de minas, que então começaram a desenvolver-se no paiz, e que absorviam quasi todo o tempo pelos poucos individuos dedicados a esta especialidade que em breve contou uma pleiade de engenheiros talentosos e habilissimos, como todos sabem.

Do resultado dos trabalhos d'esta commissão, naturalmente morosos, principalmente com tão escasso pessoal, dão testemunho cabal, alem das obras do sr. Carlos Ribeiro, e Delgado, a que nos referimos no nosso artigo — *Congressos anthropologico e litterario* — a pag. 183 e 185 do nosso 3.º vol., as seguintes do sr. dr. Pereira da Costa — *Da existencia do homem em epochas remotas no valle do Tejo. Primeiro opusculo. Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no cabeço d'Arruda*, 1865. — *Mollusco fosseis. Gasteropodes dos depositos terciarios de Portugal*, 1866, e o 2.º caderno d'este estudo em 1867. — *Monumentos prehistoricos. Noções sobre o estado prehistorico da terra e do homem, seguido da descripção de alguns dolmens ou antas de Portugal*, 1868. — Todos com a traducção em francez.

Havia alem d'isso a commissão reunido já uma amplissima collecção de exemplares, geologicos, mineralogicos e anthropologicos, quando em 1868, uma febre de refórmas, mal estudadas e mal pensadas, desorganisou por decreto do 1.º de fevereiro, este ramo de serviço, aliás bem montado e competentemente dirigido, dissolvendo a respectiva commissão. Por decreto de 23 de dezembro d'esse anno, foi commettida a direcção dos estudos geologicos e dos trabalhos relativos á redacção da carta geologica do reino aos lentes da 7.ª cadeira da escola Polytechnica de Lisboa, e encorporado o museu, que havia sido expressamente creado para aquelle fim, a expensas do ministerio das obras publicas, na secção mineralogica do Museu Nacional de Lisboa, pertencente á mesma escola. Lendo-se aquelle decreto vê-se uma serie de anomalias que decerto, só poderiam produzir paralysação de trabalho tão importante, e uma mistura de attribuições de ministerios differentes, sempre inconveniente.

Foi em virtude d'isso que em 1869 por decreto de 18 de dezembro se deu nova organisação aos trabalhos de geologia.

Por essa organisação constituiu-se de novo uma repartição dependente do ministerio das obras publicas sob a denominação de — *Direcção geral dos trabalhos geodesicos, topographicos, hydrographicos e geologicos do reino*, formando a parte geologica a 5.ª secção d'essa direcção, segundo o regulamento annexo ao mesmo decreto.

Pelo artigo 4.º d'elle deviam as collecções geologicas e paleontologicas, a livraria, os instrumentos e tudo o que pelo decreto de 23 de dezembro de 1868 havia sido incorporado na secção mineralogica do museu nacional de Lisboa, a cargo da Escola Polytechnica, serem entregues á secção geologica, mas apezar d'isso as collecções geologicas e paleontologicas nunca foram restituidas, e a nova secção geologica se quiz organisar as suas galerias e estudos teve que percorrer, pesquizar e explorar segunda vez os mesmos terrenos.

Desde então tem sido chefe da secção o sr. Carlos Ribeiro, e adjuntos os srs. Nery Delgado e Frederico de Vasconcellos.

Dos seus trabalhos, além da carta geologica bastante adiantada, mas que vae sempre soffrendo emendas e correcções, já demos conta, e foi devido aos seus estudos e pesquizas que devemos a reunião do congresso de anthropologia e archeologia prehistorica ha um anno em Lisboa, e de cujos trabalhos demos uma resenha desde pag. 194 do nosso 3.º volume até pag. 207 do corrente.

R.

(Continúa)

INIMIGO Á VISTA — Quadro de Gonçalves Pereira, pertencente á sr.ª Duqueza de Palmella (Desenho inedito do mesmo autor)

CONGRESSOS ANTROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Se as sessões do congresso de anthropologia e archeologia prehistorica foram interessantes e importantissimas, as do congresso litterario, sem deixarem de ser interessantes, não assumiram a importancia d'aquellas.

No mesmo dia 20 de setembro de 1880 e na mesma salla da Academia Real das Sciencias, em seguida á sessão inaugural d'aquelle congresso, foi aberta a terceira sessão do congresso litterario, tomando a presidencia o sr. Mendes Leal, nosso ministro em Paris, cujo retrato demos a pag. 185 do nosso 3.º volume, acompanhado de ligeiros traços biographicos.

O illustre escriptor começou dizendo que todas as sciencias se encadeam, e todas as acquisições do espirito se completam, e que portanto esta dupla reunião tinha verdadeiramente aqui o seu logar. Que a Academia se orgulhava de ver tantos nomes respeitaveis no seu seio.

Que em todos os tempos os genios, como as aguias, traçavam o seu caminho pelo espaço, e só podiam ser apreciados de longe, hoje porém estas reuniões, fazendo agrupar esses astros, tornavam-os como constellações que podem ser examinadas de perto.

Disse que a celebração enthusiastica recente do centennario de Camões, como ha poucos annos a do cantor da *Divina Comedia*, achou echo em ambos os hemispherios.

Que estas approximações em que os paizes fraternisam pelas suas summidades, são o resultado das creações da sciencia moderna. Que a actividade do seculo XV poz ao seu serviço o poderoso elemento—a imprensa, — a de hoje servia-se de uma nova fórma—os congressos—onde todos se reunem para examinar, comparar, discutir, verificar e apurar os resultados obtidos, variando de logar, para variar de observações, e recolher todos os contingentes para beneficio de todos.

Além dos grandes principios que a sociedade litteraria internacional tem

ANTONIO JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

missão de affirmar e sustentar, ninguem pode prever que variedade e poder creador brotará do concurso d'esta diversidade de formas pittorescas, de genios, de impressões, de individualidades.

Não sendo sua intenção entrar em mais desenvolvimentos, felicitava em nome da Academia os novos hospedes.

Em seguida convidou o sr. Henri Martin para tomar a presidencia.

O illustre e venerando historiador francez disse que tinha vindo a Lisboa para estudar as questões de archeologia e de historia primitiva do homem, sem esperar a honra que lhe acabava de ser feita; mas que, sem faltar ao respeito a tão honrosa assembléa, não podia recusar essa honra, e que não poderia certamente tomar parte tão activa quanto desejara nos seus trabalhos, acceitando com reconhecimento em nome dos dois congressos a missão de agradecer a este nobre paiz a sua cordeal hospitalidade.

Este nobre paiz que tanto contribuiu para abrir o novo mundo ao antigo, revelando a integridade do nosso globo ao genio europeo, não se contenta de conservar dignamente estas nobres recordações: foi e quer ser.

Mostra a sua vitalidade associando-se poderosamente n'este momento ao movimento scientifico da Europa. E porisso todos, representantes das nações diversas reunidos aqui em vista dos interesses litterarios e do progresso scientifico, saudam a patria hospedeira de Vasco da Gama e de Camões, á qual desejam um futuro digno do seu passado.

Tomando a palavra o sr. Luiz Ulbach, disse que a associação litteraria internacional se orgulhava da hospitalidade de um paiz livre, aberto a todas as liberdades. Que vinham de longe seduzidos e attrahidos pela ambição das conquistas no desconhecido que é uma das grandezas de Portugal na historia, e é o incessante futuro do pensamento humano.

Que vinham solicitar um auxilio unanime para assegurar a independencia litteraria e a propriedade effectiva de todos os escriptores do mundo.

Que o genio de Portugal os ajudaria

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL — GALERIA DA SECÇÃO GEOLOGICA (Segundo uma photographia de M. D. dos Santos)

na sua empresa, e que elles não ameaçam nenhuma nacionalidade.

Agradecia pois estas esperanças, e em nome dos seus compatriotas o benevolo acolhimento, levando recordações inabalaveis d'esta benevolencia e do bello espectaculo da liberdade absoluta do pensamento, com a qual reconhecia fixadas em Portugal algumas das conquistas pelas quaes ainda se combate na republica franceza.

Fallaram segeidamente os srs. Chodzkiewicz, em nome da Polonia, Kraus, delegado da Italia, Dr. Diercks, em nome da Allemanha, Calzado, delegado de Hespanha, que dirigiu uma curta mas eloquente saudação, Dr. Friedmann, delegado da Austria, entretecendo o seu breve discurso com varias citações de Camões, na nossa lingua, Baetzmann delegado da Norwega, que terminou recordando um conceito da sua epopêa nacional que diz: Se tens um amigo vae visital-o frequentemente: porque o caminho por onde ninguem passa, cobre-se de silvas e tojos.

O sr. Affonso Pagés, leu uma saudação do sr. Torres Calcedo, presidente da associação, que circumstancias dolorosas impediam de concorrer ao congresso.

Finalmente tomando a palavra o sr. Julio Lermina, secretario geral da associação litteraria internacional, leu o seu relatorio, em que historiou como a associação litteraria internacional, nascera em França por decisão do congresso litterario internacional, a 28 de junho de 1878, em que se lançaram as bases e fins da associação, tendo depois outra reunião em Londres em 1879, onde o congresso foi definitivamente fundado, adquirindo aqui a força viva. A 3 de março de 1880 concedera o governo francez o regular funcionamento da associação.

Noticiou as adhesões e donativos que permittiam á associação, senão um estado prospero, ao menos já um certo grau de desenvolvimento.

Que a associação não podia adquirir toda a sua força e vitalidade, sem serem creadas commissões locaes nos diversos paizes, das quaes algumas já estavam fundadas, na Allemanha, na Inglaterra, Estados Unidos e Colombia, estando em via de organisação as da Italia e Hespanha.

Que fôra intenção do congresso reunir-se em Lisboa por occasião da celebração do tricentenario de Camões, mas como rasões poderosas impediram a realisação d'esse desejo, a associação celebrára em Paris uma sessão solemne em glorificação do grande genio.

Que duas commissões ridigiram o programma do congresso que é o seguinte:

«1.ª parte. — Vista historica sobre as diversas litteraturas estrangeiras antigas e modernas nos diversos periodos da litteratura nacional.

«2.ª parte. — Estudo da traducção no paiz, debaixo do ponto de vista litterario. Fidelidade das traducções. Existem traducções correctas e fieis das obras primas das litteraturas estrangeiras?

«3.ª parte. — Relações que existem actualmente por uma parte entre os traductores e editores, e por outro lado entre aquelles e os auctores estrangeiros. Quaes são os costumes existentes com relação ao pedido de auctorisação e retribuição? Estado da opinião no publico, na imprensa e no parlamento (sem entrar no dominio da commissão de legislação). Estatistica e bibliographia.

«Com relação á legislação: Trabalho conjuncto sobre as disposições legislativas dos diversos paizes com relação ao direito de traducção, assim como os diversos trabalhos diplomaticos que teem intervindo n'esta questão

«Indicação de certas questões relativas ao direito de traducção, questões que devem ser discutidas no seio do congresso».

Conforme a este programma foram redigidas varias memorias pelos membros da associação que vão ser presentes ao congresso e são as seguintes:

Com relação á traducção, debaixo do ponto de vista litterario, pelo que respeita á *Allemanha* pelo Dr. Conrad, á *Inglaterra* por H. Van Laun, á *America do Norte*, pelos srs. E. King e Brouson Oward, ao *Brasil* pelo sr. Santa Anna Nery, á *Dinamarca* e *Norwega* pelo sr. Baetzmann, á *Hespanha* pelo sr. Araus, á *França* pelo sr. Affonso Pagés á *Hungria* pelo dr. Nordau, á *Italia* pelo sr. José Garberoglio, á *Polonia* pelo sr. Mickiewicz, á *Rumania* pelo sr. Djuvara e a *Portugal* pelo sr. Mendes Leal.

Com relação á parte legislativa:

Relatorio de approximação ou de conjuncto pelo sr. Pouillet. — Estudo sobre os congressos pelo sr. Lyon Caen; Legislação russa pelo sr. Chodzkiewicz.

Apresentavam-se além d'isso duas convenções litterarias celebradas pela França: uma com a Hespanha, outra com a republica de S. Salvador e nas quaes já eram seguidos os principios adoptados pela Associação Litteraria Internacional.

No principio da sessão havia sido proclamado o conselho ou mesa provisoria seguinte: Presidentes honorarios: S. M. el-rei o sr. D. Fernando e os srs. duques d'Avilla e de Bolama, J. da S. Mendes Leal, A. Rodrigues Sampaio, e Henri Martin.

Presidentes effectivos os sr. Luiz Ulbach, e Ladislau Chodzkiewicz.

Vice-presidentes: os srs. M. Pinheiro Chagas, Jorge Conrad, Alexandre Kraus e Frederico Baetzmann.

Secretarios: os srs. Julio Lermina e Affonso Pagés.

No dia immediato ás 3 horas da tarde, abriu-se a sessão n'uma das salas da escola polytechnica de Lisboa, sob a presidencia do sr. Luiz Ulbach, depois de uma reunião preparatoria na Bibliotheca Nacional, onde fôra estabelecido o escriptorio do congresso.

Foi logo confirmada a eleição feita na vespera. Immediatamente se leram varias cartas de saudação e escusa dos srs. Pedro Zaccone, presidente, Berthold Auerbach, membro da commissão de honra da Allemanha, Blanchard-Jerrold, presidente da commissão nacional em Inglaterra, dr. Lowenthal, da commissão nacional allemã, Van-Zuylen, da commissão nacional hollandeza, etc.

Em seguida o sr. Julio Lermina leu um relatorio do sr. Blanchard-Jerrold fazendo varias communicações relativas aos trabalhos da commissão ingleza.

Logo o sr. Luiz Ulbach, presidente, leu o seu relatorio, resumindo as apreciações, indicações e vistas enunciadas nos diversos relatorios atraz enumerados, e terminou apresentando a conclusão ou voto para ser considerado pelo congresso, no qual se contém que por varios fundamentos o congresso: *convida os escriptores dos paizes onde não existe ainda convenção, a fundarem commissões locaes, que entrarão em relações com a associação litteraria internacional, a fim de denunciarem, sem descanço os abusos da traducção, e de chegarem á conclusão de tratados que garantam a integralidade do pensamento e os direitos de um livro sério.*

Applaudindo unanimemente este relatorio foi nomeada uma commissão composta dos srs. Jorge Conrad, Pagés e Mario Proth para estudar as suas conclusões.

Logo o sr. Alexandre Kraus, delegado italiano, leu um notavel relatorio, no qual fazendo uma aproximação muito sensata e justa entre os compositores e os escriptores, referindo os desgostos e miserias que atormentaram a vida de grandes genios como Bach, Haendel, Palestrina, Weber etc., concluiu por uma proposta para que se façam todas as diligencias possiveis, especialmente junto dos governos de S. Petersburgo e Washington para as obras musicaes gozarem n'esses paizes os mesmos direitos que n'aquelles onde são registadas, e para que aos *arranjos* e *transcripções* sejam applicados os mesmos principios que á *traducção e adaptação litteraria*.

Uma commissão composta dos srs. Garberoglio, Calzado e Joaquim de Vasconcellos foi nomeada para o estudo das conclusões do relatorio do sr. Kraus.

No dia seguinte abriu-se a sessão ás 2 horas sob a presidencia do sr. Chodzkiewicz.

Logo o sr. Guichon de Grandpont fez uma communicação interessante, sobre uma obra, quasi desconhecida, de um nosso compatriota, Francisco Serafim de Freitas, professor de direito canonico na Universidade de Valladolid; *De justo imperio Lusitanorum asiatico*, em refutação á obra de Grotio (Hugues de Groot) *Mare Liberum*. Fez um grande elogio do nosso escriptor, cuja obra está traduzindo, por um dever de equidade e justiça historica, visto haver traduzido a de Grotio. Falou da sua vinda a Lisboa, na esquadra do almirante Roussin (de triste recordação) das suas relações com José Ferreira Borges, que a bordo d'ella se refugiou, como muitos outros liberaes perseguidos.

O sr. Affonso Pagés apresentou as conclusões da commissão encarregada de examinar o relatorio do sr. Luiz Ulbach.

O sr. Friedmann levantou uma expressão d'aquelle relatorio, pela qual lhe parece que os francezes, por systema, não traduzem nem representam as obras dos auctores allemães, apesar de haver entre elles grandes romancistas e dramaturgos.

O sr. Ulbach explicando disse que não era exacto isso pois o sr. Pagés fez representar em francez a *Misanthropia e arrependimento* de Kotzbue; são os editores e empresarios que não querem arriscar-se a irem contra o gosto do publico.

O sr. Lermina lembrou que seria conveniente a publicação de uma chronica ou revista onde se analysassem as obras notaveis das litteraturas estrangeiras.

O sr. Friedmann depois de varias considerações sobre o assumpto disse que estava convencido que a associação abrindo mercados novos e fructiferos a todas as fortes producções estrangeiras, forçaria emfim Paris a tomar o papel de intermediaria sincera e imparcial entre todas as litteraturas.

O sr. Mendes Leal depois de muitas considerações falou da necessidade de attender á obra litteraria tambem debaixo do ponto de vista industrial, da desigualdade dos mercados, pela pouca extensão das populações que falam uma mesma lingua, sendo necessario nos contractos e convenções attender a isso.

O sr. Pinheiro Chagas disse que estava de accordo com os principios até aqui emittidos, que não é por se

---

SAPATOS DE DEFUNCTO

IV

A fortuna vária, inconstante e caprichosa, que nunca deixou de favorecer os singulares patifes de quem se enamora, ainda não cessára de sorrir áquelle seu dilecto alarve.

N'um bello dia o mercieiro recebeu de D. Monica um convite amavel, quasi ceremonioso, para ter a bondade de lhe ir fallar, quando podesse, sem incommodo, mas que não faltasse, porque, e ahi é que estava o ponto vulneravel e tentador... porque tinha uma cousa a pedir-lhe.

— Oh! com trezentos barris de manteiga!

Antonio Dourado, largou barcos e redes, pediu logo o seu melhor casaco, esfregou as mãos, sorriu piscando os olhos de uma maneira velhaca, e saiu como de um jacto pela porta fóra, dizendo á consorte, participante do magnetismo que o agitava:

—Deixa, deixa que as bichas vão pegando...

Ella nem o percebeu...

— Quaes bichas? repetiu casualmente.

E exitante ainda atreveu-se a dizer baixinho em voz alterada.

— Olha ouve...

Mas n'um momento, tudo se aclarou ao espirito da mulher do mercieiro.

Tinha percebido tudo.

Aquellas *bichas* de que o marido fallava, eram figuradamente, uma *fina* alusão á idéa reservada que andava na mente de ambos.

Que finorio que era o seu homem!

Ella retrahiu-se, para não denunciar o grande prazer que lhe enchia a alma, e cheia de uma curiosidade invencivel, experimentando umas sensações que a alucinavam trepou á comoda, collocando ahi uma cadeira, encaropitou-se n'ella, esfogueada, offegante, e vencendo as maiores difficuldades equilibristicas, poz-se a escutar com o ouvido collado ao tecto o que lá em cima no andar superior ia passar-se entre D. Monica e Antonio Dourado.

Quanto póde a bisbilhotisse interesseira e lorpa!!!

Lá em cima, ouvia-se já a voz do mercieiro, uma especie de clarinete desafinado e sediço suprando aos ouvidos de D. Monica.

Como elle subira a escada não se sabe.

Aquillo foi um abrir e fechar de olhos; os pés não lhe pesavam uma onça.

Dir-se-hia que o velhaco mercieiro trocara pelos sapatos rombos as azas de Mercurio.

Pois não era nada mau que lá encontrasse alguem capaz de lhe offerecer para o caminho outras de pau. Iam-lhe muito melhor na lombada nutrida e bem quadrada que Deus, ou o diabo lhe dera.

D. Monica estreiara n'esse dia a sua melhor marrafa e o seu melhor sorriso.

Antonio Dourado até se lhe afigurou que ella remoçara dez annos no tocante a cabello e cincoenta em attractivos de amabilidade e qualidades de coração.

Estava realmente de uma doçura de rebuçado.

— Era um pequenino incommodo, disse ella, a fazer beicinho.

E depois:

—Mandei-o chamar para lhe pedir um favor.

Então offereceu-lhe cadeira, rogou-lhe que se sentasse.

Devia de estar fatigado. Não era caso para tanta urgencia. Queria penhoral-a com attenções a que afinal não lhe seria facil corresponder.

O mercieiro agradecia lambendo-se como um boi.

Ora essa! o sr. Antonio Dourado estava muito bem de pé... para crescer melhor!... Não fazia mais do que o seu dever. Não viera logo porque fosse *sangria desatada*, mas porque era genio seu, não estava mais na sua mão. Era serviçal para todos mas particularmente para a sr.ª D. Monica, o seu gosto seria estar sempre ao serviço d'ella.

Assim logo que foram concluidos estes preambulos de ceremoniosas e reciprocas attenções, entraram desassombradamente em assumpto.

D. Monica queria dever-lhe o favor d'elle se encarregar de encher os recibos das suas inscripções.

— Oh! ..

— Ah!...

— Pois não, essa é boa, com mil vontades...

Antonio Dourado vomitou tudo isto quasi apopletico.

D. Monica desejava mais

Pedia-lhe que se encarregasse do recebimento na junta de credito publico.

— Ah!...

— Oh!...

— Sim senhor, eu tambem lá vou receber as minhas, e não me custa nada receber de caminho as suas.

Até se lhe afigurava transportado a um mundo novo. Tinha no olhar e na voz certo enternecimento que o levaria a abraçar D. Monica e a beijal-a o que já era arrojo grande e ainda melhor estomago.

— Quando quer que eu vá recebel-as?

— Amanhã podendo ser. Precisava agora de algum dinheiro .. Que eu já as podia ter recebido, mas a pessoa que costumava incumbir-se dos meus negocios não tem vindo cá e ..

Antonio Dourado deu um pulo que até bateu

dizer «*oui monsieur*» em vez de «*yes sir*» que se toma a propriedade de uma obra de genio; que Portugal mantem o principio estabelecido na sua legislação e convenções litterarias e tanto que ha contractos feitos entre editores portuguezes e francezes, para a reproducção de obras.

Que acceita, sem desdoiro, a classificação que queiram dar de mercantilismo a este principio de propriedade litteraria, porisso que é uma satisfação poder sustentar os seus filhos com o producto do seu trabalho.

E emfim depois de uma serie de considerações disse que era necessaria uma garantia contra a pirateria litteraria, que para nós estava no Brasil, como outr'ora estivera na Belgica com relação á França, mas a Belgica, reconhecera a justiça; espera pois que a França que extinguiu o ultimo abrigo dos piratas do Mediterraneo, possa extinguir o dos piratas litterarios.

Muito applaudido foi, e o sr. Lermina extrahiu uma conclusão d'aquelle discurso que apresentou á votação do congresso.

O sr. Verissimo, brasileiro, disse com relação ao discurso do sr. Pinheiro Chagas, que, com quanto fosse verdade o que o orador affirmava, não eram os brasileiros mas sim *portuguezes e francezes* que editavam as obras portuguezas e francezas no Brazil.

De todas as conclusões adoptadas formulou o sr. Lermina, secretario, uma proposta que foi votada pelo congresso assim concebida.

«O congresso litterario internacional, reunido em Lisboa: convida a commissão executiva da associação internacional a empregar todos os seus esforços para que d'ora avante as convenções diplomaticas se inspirem dos principios reconhecidos pelas convenções franco-hespanhola e franco-salvadorense, a saber:

1.º — Os auctores de obras litterarias, scientificas ou artisticas, ou seus representantes, que justificarão o seu direito de propriedade ou cessão total ou parcial, em um dos Estados contractantes, conforme á legislação d'elle, gosarão dos direitos correspondentes no outro Estado e serão admittidos a exercel-os n'elle pela mesma maneira e nas mesmas condições legaes que os nacionaes.

2.º — Os auctores de cada paiz contractante gozarão, no outro paiz do direito exclusivo de traducção, durante todo o tempo que lhe for outorgado pelo direito de propriedade que garante a obra original, considerando-se a publicação de uma traducção não auctorisada, como uma reimpressão illicita da obra.

3.º — A expressão — obras litterarias, scientificas e artisticas, — comprehende os livros, brochuras, ou outros escriptos; as obras dramaticas, as composições musicaes e arranjos de musica; as obras de desenho, de pintura, de esculptura, de gravura, as lithographias e as illustrações, as cartas geographicas, as plantas, esboços scientificos e em geral toda a producção do dominio litterario, scientifico e artistico que possa ser publicada por qualquer processo de impressão e reproducção conhecido ou que de futuro o for.

4.º — O deposito e registo em qualquer paiz, que não seja o de origem, a menção de uma reserva para o direito de traducção, em uma palavra todas as formalidades alem da justificação do direito de propriedade no paiz da origem, serão e ficarão supprimidas.

O sr. Eduardo Coelho brindou o congresso com um fac-simile da *Gazeta de* 1641 de que demos noticia a pag. 24 do nosso presente volume.

Ainda foi deliberado estabelecer commissões de inquerito sobre a importação e exportação das producções litterarias, traduzidas, adaptadas ou arranjadas, para achar os elementos scientificos d'uma *estatistica litteraria* que possa dar a justa medida das fluctuações do movimento litterario internacional, tanto com relação ao ponto de vista actual como ao ponto de vista retrospectivo.

São estas em resumo as conclusões do congresso litterario, no qual se recitaram discursos notaveis e se apresentaram memorias ou notas muito importantes.

R.

NOTA

A pag. 207 col. 1.ª — onde se lê — *Trezos* — deve ler-se — *Trerosj* — e deve ser supprimida a nota (1) por isso que Hunfalvy, segundo uma communicação que se dignou fazer-nos o sr. Adolpho Coelho, apenas fez algumas observações sobre a lingua dos avaros e dos hunos, que nada tem com a questão cimmeria, e até na sua interessantissima revista — *Litterarische Berichte aus Hungarn*, dando noticia da 8.ª sessão do congresso de anthropologia, resume a opinião de Broca sem a discutir.

GANÈS

O Ganès ou Gânèsa, tambem conhecido no mundo hindú pelos nomes de *Ganapoty, Vinahu, Ecodento, Qunavari e Polear*, é o deus da prudencia, e o que preside aos casamentos, ás sciencias e ás artes.

Os gentios antes de emprehenderem qualquer trabalho intelectual ou manual, invocam sempre o divino auxilio do Ganès, para que lhes anime o espirito e fortaleça o corpo com a sua divina graça.

O Ganès, como se vê do nosso desenho, cópia fiel das figuras de barro que vimos em Gôa, está sentado de pernas cruzadas, com o ventre de grandes dimensões cingido de enorme serpente. Tem a cabeça de elephante, e quatro braços, dois dos quaes levantados. Na mão esquerda dos braços levantados empunha uma machadinha, e na direita, a metade de um dente; nas outras duas mãos tem, na do lado direito, a tromba, e algumas vezes uma salva com *larú* ou *módac*, especie de dôce, de que dizem muito gostava; e na do lado esquerdo, sustenta um tridente.

O rato, que se vê junto d'elle, representa um celebre gigante a quem os deuses haviam concedido o privilegio da immortalidade, e outros poderes de que abusou contra os homens.

Um dia o Ganès, munido das deprecações dos seus devotos, e querendo libertal'os de tão terrivel inimigo, foi encontrar-se com o gigante; e quebrando metade d'um dente atirou-lhe com elle. O gigante, engolindo o dente, transformou-se n'um monstruoso rato, e atacou o deus da prudencia. Ganapoty, subjugando o ousado roedor, sentou-se sobre elle dizendo: «Em todo o tempo serás a minha cavalgadura.»

Sobre a procedencia do Ganès e a sua cabeça de elephante, contam os gentios, que estando um dia *Parvoty* a banhar-se tivera a veleidade de fazer uma figura de barro, amassada com agua do banho; depois de formada, esta se animara ao contacto do seu halito. Voltando para casa trouxe comsigo Parvoty, ou Joury, o pequeno Vinahú, que lhe servira de companhia durante doze annos, isto é, emquanto seu esposo Mahés, ou Issuar andava pelo mundo peregrinando. Ao cabo dos doze annos, regressando Mahés ao domicilio conjugal, encontrou á porta d'este o pequeno Ganapoty que lhe embargou os passos, dizendo: «ter ordem de não deixar transpor o limiar da porta a homem algum, sem auctorisação de sua mãe.» Mahés, agastado por esta contrariedade, lança mão da espada e degola o insolente rapaz, que assim se atrevia a oppôr-se ao seu designio. Em seguida entra nos aposentos de Parvoty. Esta sabe en-

ENIGMA

Explicação do inigma do numero antecedente:

Sollas e vinho andam caminho.

com os pés de uma maneira nada conveniente e menos civil.

Com a bocca cheia de palavras, e o coração comprimido por não poder vomital-as todas ao mesmo tempo, gaguejou algumas.

A sr.ª D. Monica não precisava de ninguem para tratar dos seus negocios. Offerecia-se elle, que estava ali ao pé da porta... D'ahi essa pessoa talvez morasse longe...

E repetiu estas ultimas palavras por modo que obrigasse qualquer resposta.

D. Monica assumiu então certa gravidade, e exclamou como quem diz grande sentença:

— Cousas!

Antonio Dourado se lhe pozessem a mão na bocca rebentava.

— Coisas que vão por este mundo, repetiu batendo muito as phrases, como de pessoa que tivesse uma alta intuição.

— Percebo muito bem...

E confirmou ainda uma vez abanando a cabeça.

— Cousas! cousas!

Os olhos brilhavam-lhe como dois archotes. Sentia em si claridades cidraes, o ignoto.

Estava nas nuvens, e a seus pés via prostrado qual dragão maldito o perigoso enigmatico conego Salgado!!

Tomou conta das inscripções, verificando tudo com a maior precisão, e depois de as haver guardado convenientemente, voltou se para D. Monica e disse-lhe de cabeça levantada e mãos nas algibeiras.

— Eu levo as inscripções, e peço-lhe me faça o favor de receber já a importancia dos seus juros. . Precisa de dinheiro, não é isso? N'esse caso *mais vale um toma lá do que dois te darei*. Amanhã posso adoecer com uma dor de cabeça e a sr.ª não ha-de esperar que eu me trate para receber o seu remedio.

Dito isto fez um gesto de como quem se arregaça e perguntou:

— Quer mais alguma cousa?

A resposta foi um ruido enorme que fez estremecer toda a casa.

Ambos se sobresaltaram olhando para o chão como aguardando os effeitos de alguma grande catastrophe desconhecida.

Um berreiro enorme se communicou logo com a rapidez da electricidade, de bocca em bocca por todo o predio.

A visinhança chegava ás janellas, o alvoroto manifestava-se com todo o seu apparato de sensação.

—Que foi, que succedeu?! Cahiu o Carmo, cahiu a Trindade?

Não, cahira simplesmente a senhora.

Veio dizel-o a criada de D. Monica, entrando ao mesmo tempo de mãos na cabeça, n'uma grande confusão de palavras e de idêas e dirigindo se ao mercieiro sem mais rodeios, d'uma maneira constrangida e espantada.

—Vá accudir a sua mulher que está lá em baixo n'um lago de sangue, senhor, vá, vá depressa!

V

Não ha gosto perfeito n'este mundo.

E de facto.

Oh! inscontancia da fortuna! Oh! austero capricho da traiçoeira sorte!

Ha casos que parecem urdidos pelo diabo. Só infernal engenho ousaria produzil-os.

Cruzes com elles.

A mulher do mercieiro tinha cahido da cadeira sobre a comoda, e da comoda sobre a cama, batendo desastradamente com a cabeça no trinco da porta, por modo que abriu duas largas brechas e perdeu por momentos os sentidos.

Coitada!

Desiquilibrara-se do seu ponto de apoio por effeito de uma forte commoção e perdera a serenidade do animo e ao mesmo tempo aforça das pernas isto porque ouvira o marido proferir em casa de D. Monica aquellas palavras:

«Eu levo as inscripções.»

Boa mãe e boa esposa, como diria qualquer necrologista piegas, ella que só cuidava da felicidade da filha e das prosperidades do marido, não poderia ser surda á voz do seu egoismo de mãe e de mulher, tão forte, tão extraordinariamente lisongeada, pela consciencia interesseira de um facto de tamanho alcance moral e economico para a familia, como era aquelle cuja existencia surprehendente acabava de chegar aos seus ouvidos, denunciada por estas palavras do marido, que penetraram até ao intimo da sua alma e n'ella ficaram indelevelmente gravadas:

«Eu levo as inscripções».

O coração da mulher do merceeiro, aquelle coração assucarado que era o regalo do sr. Antonio, deu, ao ouvir isto tal pulo de surpreza, que o corpo participando d'esse choque violento, não poude aguentar-se com o balanço e deixou-se cair, dando um trambulhão fatal!

Em troca recebeu duas brechas formidaveis, profundas ensinadoras.

Salutar lição a dos factos.

Ninguem se eleve a alturas em que não possa aguentar-se.

Ao saber d'esta desgraça, Antonio Dourado lamentou-se grandemente, em extraordinarios clamores, dizendo mal á vida e dando ao diabo a sua fortuna.

Ora que dinheiro elle não ia gastar agora para concertar a cabeça á mulher.

(Continua)

LEITE BASTOS.

tão do drama que acaba de ter lugar; e contando ao marido a procedencia de Ganapoty, parte immediatamente em busca d'elle. Encontrando o corpo do decapitado, não vê a cabeça, por haver desapparecido. Então Mahés, condoído das lagrimas de Parvoty, corta a cabeça do seu melhor elephante e colloca-a sobre o pescoço do Polear, que d'ahi em diante ficou com a cabeça de elephante, tal como representa a gravura.

É para celebrarem este tragico acontecimento que annualmente os gentios, no dia 4 da lua crescente do mez *Badrabad* — setembro —, costumam fazer a festividade denominada *Gânesachorote* ou *porole*.

Consiste esta festividade em construir de barro uma imagem de Ganês, a qual é pintada de branco por aquelles que observam os preceitos da presente época denominada *Xali*; e de encarnado pelos gentios que ainda seguem o costume da época passada, designada *Duapar*.

Todos os gentios pobres e ricos fazem annualmente em suas casas, com mais ou menos pompa, o *Puzás*, ou adorações ao Ganês, construindo para esse fim um *aróto*, onde collocam a imagem de quem fôra o preceptor dos deuses, coberta de joias e flores. Em frente e superiormente ao oratorio, dispõem de um modo especial, todos os fructos da época, cujo enlace é rematado, em diversos sentidos, por cachos de aréca.

Aos pés do Ganês depositam aréca, bethel e differentes especiarias, por ser considerado um guloso insaciavel.

Esta principal festividade domestica dos gentios, costuma durar dia e meio, e em algumas casas mais dias, conforme as promessas e os milagres realisados por intervenção de Ganapoty.

Finda a festividade, a imagem de Ganês é solemnemente lançada ao mar, rio, ou poço; ficando em casa unicamente aquellas a quem se fez promessa d'isso, até á proxima futura festividade. N'este caso, teem os habitantes da casa de fazer muita despeza em allumiar constantemente o idolo, durante um anno; além dos jejuns e outras praticas religiosas a que ficam sujeitos. Tambem não é indifferente, nem menos incommodo o cuidado que a imagem exige, para que d'ella se não desloque parte alguma; o que seria motivo de grandes apprehensões, por presagiar calamidade na familia.

As *puzás* ou orações que os gentios recitam em louvor do Ganês, estão publicadas em maratha junto á gravura.

BARDEZANO.

INDIA PORTUGUEZA — O GANÊS

(Segundo um desenho de Lopes Mendes)

Eis aqui a traducção dos *puzás* ou orações, que os gentios recitam em louvor do Ganês, e que estão publicadas em maratha junto á gravura, feita com o auxilio do interprete que as subscreve, por quem tem de poeta o condão sem ser poeta.

HYMNO DE GANÊS

D'entre os Deuses, Tu és o mais formoso,
Máhá Ganapoty!
Sempre e por todos és reconhecido
Filho de Parvoty;

As argolas que Te ornam as orelhas
Oh! são tão scintillantes,
Como aquellas que o filho do sol usa
Entre os astros radiantes.

O sandalo, e perfumes mil diversos
Espalham sobre Ti
O santo, o rico, e os nobres mais subidos
Brahmâ, Horah, Gouri:

Em rato monstruoso, eis que sentado
Estás, lindo Ganês!
Antes que ao barro a fórma prescrevesse
Nossa deusa Goury,
Já puro, e já formoso Tu na mente
Eras de Parvoty.

Tu, que das artes és e das sciencias
O bom Deus protector,
Da tua graça divina envia um raio
A este servidor:
Infunde-lhe na alma a luz celeste
Da sagrada oração,
Que humilde elle a espera e reverente
Rojado n'este chão

Zoiden, Zoiden, Deidade triumphante!
A minha devoção é que illumina
Com a luz d'um dinlyn o teu semblante
Ornado d'essa tromba elephantina!

B.

HYMNO DE GANÊS EM MARATHA

De Ti, do teu valor e nobre empenho
Recebem protecção,
Até os que só pódem offertar-Te
A simples oração.

Zoiden, Zoiden, Deidade triumphante!
A minha devoção é que illumina
Com a luz d'um *dinlyn*[1] o Teu semblante
Ornado d'essa tromba elephantina!

Sobre o gigante que Tu transformaste,
Oh! Filho de Mahés!

[1] Candieiro de bronze com 4 bicos.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

EXCURSION ARTISTICA POR ITALIA; pelo sr. Viriato Silva, *traduccion* de O. Noel, Vigo, 1881, com 171 pag. O sr. Viriato Silva, escriptor brazileiro, já muito conhecido por algumas publicações, como *Corographia do Brazil; Memoria sobre a organisação militar de Portugal; Projecto de organisação do corpo diplomatico e consular brazileiro; Almanach da cidade de Vianna; Estudos historicos do Brazil, etc.*, achando-se em Lyon de França, depois de uma viagem atravez da Europa, em 1875, resolveu percorrer o norte da Italia, partindo para Turim. D'esta seguiu a Milão e Veneza, nas quaes cidades se demorou, e cujas bellezas descreve com despretenção e calor, especialmente a ultima, que lhe custa a deixar e de quem se separa com saudades, para se dirigir a Bolonha, fazendo o delicioso percurso dos Apeninos, vendo a lua de uma pallidez sepulchral branquear confusamente a selvatica paizagem do Valle do Ombrone. Chega a Florença, que se apresenta logo a receber o viajante com a sua magnifica estação central de marmore de Carrara. Aqui enchem-no as recordações de Dante, Galliléo e Miguel Angelo. Eil-o em Fiesole, d'ali segue a Roma onde admira o que a todos causa esse effeito magico, misto de respeito, consideração e meditação. N'uma carta ao fallecido barão de Santo Angelo resume as suas impressões da cidade eterna. Eil-o em Napoles; passa um dia em Pompeia, segue pela linha do Tibre a Civita Vecchia, passa a Toscana e vae a Piza, d'onde se dirige a Genova, voltando então a França passando por Vintimiglia, Monaco e Ribeira di Ponente, e sem nos cançar fez-nos fazer uma visita rapida a tudo o que ha mais interessante nos pontos que percorre e observa. O seu livrinho que o sr. Noel vertou em castelhano e sahiu em folhetins no *Faro* de Vigo, deu-nos um pedaço de agradavel leitura.

MOÇAMBIQUE, *communicação á sociedade de geographia de Lisboa, na sessão de 21 de maio de 1881, em referencia á carta dirigida pelo ex-governador geral de Moçambique*, Augusto Cesar Rodrigues Sarmento, *á mesma sociedade* por Joaquim José Machado, major de engenharia, ex-director das obras publicas de Moçambique, socio ordinario da Sociedade de Geographia de Lisboa, Lisboa, casa da sociedade de Geographia, rua do Alecrim, 89.—1881. 4.º de 76 pag. Démos conta das primeiras conferencias do sr. Machado, publicadas em extracto pela Sociedade de Geographia; démos tambem depois conta da carta do sr. dr. Sarmento, com referencia a ellas, e agora cumpre-nos dizer que a ultima conferencia do sr. Machado tem por fim desfazer as accusações da carta do sr. Sarmento; a sociedade de geographia, porém, deve fazer o possivel por evitar questões pessoaes, no seu seio, entre os socios, ainda quando mais ligadas pareçam com a administração publica.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6